

APOLA

PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA EM PSICANÁLISE

2019

INTRODUÇÃO

APOLA, como sociedade psicanalítica, tem por objetivo articular, difundir e desenvolver os conceitos fundamentais da nova psicanálise proposta por Jacques Lacan, sob a modalidade de um Programa de Investigação Científica em Psicanálise, fundada a partir das seguintes premissas:

1. Entendemos que:
 - a) a psicanálise é uma teoria com espírito científico que se organiza a partir de certos princípios epistemológicos,
 - b) enquanto teoria, está configurada por conceitos racionalmente argumentados e articulados entre si, não podendo valorar-se nenhum deles de forma autônoma. Seus princípios são axiomáticos (condições iniciais que funcionam como postulados).
2. Escolhemos a interrogação e a argumentação lógica como ferramentas indispensáveis para aceder ao saber específico de nossa prática. Não aceitamos argumentos dogmáticos nem de autoridade (baseados no prestígio e/ou na hierarquia da pessoa que os sustenta). Praticamos de forma constante a crítica dos argumentos próprios e alheios.
3. Consideramos a elaboração teórica como fundamental na produção de saber. Os conceitos com os quais operamos não provêm da realidade: são sistemas de ideias não extraídos de nenhuma experiência, mas de uma elaboração conceitual que constitui um campo do saber e que habilita uma área de experiência.
4. Consideramos que a teoria psicanalítica concebida por Jacques Lacan é diferente e, em muitas ocasiões, de sentido oposto à legada por Sigmund Freud e de todas as escolas surgidas na psicanálise. Consequentemente, trabalhamos para preservar e fazer avançar a novidade e o caráter subversivo do ensino de Lacan.
5. Praticamos, de acordo com o ensino de Lacan e por convicção própria, a “interterritorialidade científica” da psicanálise, o que significa abordá-la articulada a outras disciplinas científicas vizinhas, como a matemática, a lógica, a física, a análise de discurso, a linguística, a antropologia, a história, entre outras.

Os participantes desta convocatória consideramos este Programa de Investigação Científica em Psicanálise uma alternativa ao modelo imposto – no qual um mestre, de forma individual e por sua experiência pessoal acumulada, ensina a um conjunto de alunos – uma vez que procedemos sustentando:

- a) O trabalho de investigação – não de leitura – é de um conjunto de pesquisadores de diversas áreas, disciplinas ou pesquisas, com trajetórias e interesses pessoais diferentes, que se vinculam em torno do Programa. Temos como referência propostas semelhantes que se consolidaram em diferentes campos disciplinares, tais como: 1. Linguística estrutural. 2. Círculo de Viena. 3. Programa Grupo Bourbaki. Nem Freud nem Lacan foram “gênios” que, de forma isolada, criaram do nada suas respectivas psicanálises.
- b) O objetivo de elaborar e criticar ideias e conceitos, interrogando suas determinações em cada uma de nossas práticas, em um espaço de trabalho compartilhado, que não implica a coincidência em todos os tópicos.
- c) A finalidade de desenvolver ou ampliar as consequências da adoção de um núcleo de princípios básicos a serem aplicados em suas respectivas áreas, disciplinas ou investigações.

- d) A intenção da fundar novas formas de pensar e conceber questões fundamentais de nossas práticas, em oposição racional e específica a outras teorias e práticas vigentes.

FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

A epistemologia do século XX – salvo exceções como as originadas a partir do Círculo de Viena e outras poucas similares que avalizaram o empirismo lógico – sustenta em geral que as teorias científicas partem de saberes anteriores que são superados por obterem maior coerência e potência, o que é estabelecido pelo consenso da comunidade científica e pelas verificações experimentais.

As teorias científicas partem sempre de teorias anteriores – ou seja, não se originam de experiências – e devem ser primeiramente formuladas e comunicadas para que possam ser submetidas à crítica, a provas e experimentos que as confirmam ou refutam apenas parcialmente.

Não negamos uma ida e volta constante entre teoria e experimentação, mas refutamos que a psicanálise, como todas as ciências, surja da experiência, e que esta seja baseada em vivências pessoais. A ciência moderna inicia-se formalmente quando se declara a dúvida metódica a respeito do que é propiciado pelos sentidos.

Seguindo Imre Lakatos, consideramos que as teorias científicas constituem estruturas que partem de:

1) Núcleo central

É a estrutura conceitual constituída pela menor quantidade possível de supostos básicos – hipóteses teóricas gerais –, estabelecidos por decisão metodológica dos protagonistas. Têm os seguintes atributos:

- a) não é falseável: não está sujeito à consideração de sua verificação experimental;
- b) é convencional;
- c) seus componentes são postulados como axiomas;
- d) não se apoia em dados factuais ou empíricos.

Considera-se que não é possível dirimir conjecturas especulativas teóricas – enquanto universais – a partir de refutações empíricas – enquanto particulares. Em relação às teorias, não há refutação empírica absoluta possível. Há apenas teorias que os praticantes consideram melhores em função de critérios teóricos e experimentais.

O núcleo central deste Programa de Investigação Científica em Psicanálise será designado como **CONCEITOS FUNDAMENTAIS**.

2. Cinturão protetor

É o conjunto de hipóteses auxiliares que configuram os supostos complementares, cuja função fundamental é consolidar logicamente e sustentar racionalmente os conceitos fundamentais do programa. Em nosso contexto, o chamaremos **CONCEITOS ARTICULADOS**.

PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA EM PSICANÁLISE

A proposta deste programa tem como objetivo:

- a) contribuir com o desenvolvimento dos argumentos da “psicanálise por vir” que tentamos promover,
- b) permitir superar as aporias da atual tendência freudolacanianiana
- c) reduzir o estado de isolamento em relação à comunidade científica de que padece a psicanálise há décadas.

CONCEITOS FUNDAMENTAIS

A seguir, apresentam-se os supostos básicos (as hipóteses teóricas gerais) que estabelecemos (por decisão arbitrária e metodológica) como núcleo conceitual fundamental deste programa.




A tabela seguinte apresenta nas duas primeiras colunas o diagnóstico cultural, social e de época das origens do sofrimento sobre o qual a psicanálise deve operar. Na terceira coluna consta o que estabelecemos como a corrente da posição hegemônica dos psicanalistas pós-lacanianos, e na quarta, nossa posição e sua escritura algébrica possível.

Propomos, dessa forma, que as posições hegemônicas em psicanálise pós-lacanianiana coincidem, em grande medida, com as ideais reinantes em nossa sociedade.

PROGRAMA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

APOLa

2019

	Diagnóstico das tendências que operam na origem do sofrimento que a psicanálise enfrenta	Posicionamento da Psicanálise atual (freudolacanianos e outros)	Posicionamento da APOLa
1-INDIVIDUALISMO	Extrema acentuação da concepção atômica do sujeito: cada um é como uma esfera em uma sociedade concebida como 1+1+1... (feito bolas de bilhar)	Não há Outro. A psicanálise é de cada um que, por sua vez, é responsável por seus atos, pensamentos e sintomas. O aparelho psíquico é interno: individualismo extremo.	Concebemos ao sujeito existindo apenas em imissão (fusão) de Outridade. Sustentamos que: Isso fala (<i>Ça parle</i>); o inconsciente é o discurso do Outro/A e que o emissor recebe do receptor sua própria mensagem de forma invertida. Nessa lógica é impossível aplicar a responsabilidade subjetiva. Estabelecemos o caso como um conjunto diferencial último e covariante dentro de uma estrutura.
2-BIOLOGIZAÇÃO	O real e mais autêntico de cada um é seu corpo biológico e o que dele provém.	A pulsão (e o gozo para os freudolacanianos) se origina e se desprende da substância viva do organismo biológico individual com que se nasce (vitalismo).	Consideramos a pulsão como o eco no corpo do fato de que há um dizer, e ao gozo, como gozo do Outro/A e gozo fálico (fora do corpo); ambos impossíveis de serem originados e localizados na substância viva. Ambos são criação da articulação significante no campo do Outro/A que incide e afeta o corpo 3D. Há sensações e necessidades do corpo biológico mas não são assunto nem do sujeito, nem da psicanálise.
3-NILISMO	Não existem valores nem sentidos transcendentais além das satisfações imediatas das necessidades e gostos individuais.	Para a pulsão de morte, a libido e o gozo, não há sentidos nem valores transcendentais. Trata-se apenas de satisfação ou insatisfação das necessidades ou gozos.	Propomos uma concepção criacionista (criação <i>ex-nihilo</i>) que, a partir da articulação significante no campo do Outro/A e do discurso, concebe o objeto a como dimensão criada de valor e sentido particular – não singular – que se articula plenamente à condição $\$$ do sujeito.
4-TEMPO	Flecha do tempo, tempo evolutivo, linear e infinito em ambas extremidades, e intuitivo (de percepção imediata e sem mediação intelectual ou racional.)	Evolutivo, na medida em que a infância leva à vida adulta, e esta, à maturidade (quanto mais maduro, melhor). A maturidade é um estado autônomo e independente; nascemos alienados e temos que nos separar.	Analizamos mediante o conceito de tempo circular (“futuro anterior”) no qual não se pode estabelecer a anterioridade, nem lógica nem cronológica, do corpo biológico em relação à ordem simbólica; nem da antecipação em relação à retroação; nem da alienação em relação à separação, tampouco de S1 em relação à S2. É preciso aceitar um Big Bang da linguagem e do discurso.
5-ESPAÇO	Tridimensional, infinito em todas as direções, eterno e intuitivo, onde se alojam os objetos tridimensionais (únicos objetos reais).	Composto apenas pelo interior e o exterior do corpo, considerado como uma bolsa. O interior é próprio (eu bom), e o exterior é contrário ao eu.	Operamos, na clínica psicanalítica, com um espaço “topológico”, no sentido de sua concepção bidimensional (superficial), em relação ao qual, em certas oportunidades, verifica-se a diferença interior-exterior e, em muitas outras não. Funda-se em um buraco: <i>béance</i> (fenda), cavidade, criada pela articulação significante no campo do Outro/A.
6-MATÉRIA	Substância tridimensional, tangível, visível e possível de pesar. É o que não engana (como “bater em madeira”); o que constitui os objetos, que os torna fechados e externos uns em relação aos outros (<i>partes extra partes</i>).	Substância (biológica) com a qual se nasce e que, por suas essências, desprende pulsão de morte, libido e gozo em quantidades e proporções de acordo com cada indivíduo.	Concebemos a matéria da psicanálise como um materialismo dos termos da linguagem, caracterizada por ser: insubstancial, incorpórea e antinatural. É invisível e intangível. Possui consistência lógica. É estabelecida e operada como um texto, tanto no sentido de S1 e S2 como na função da letra.
7-ENERGIA	O que faz mover os objetos aos quais carrega (investe) = $m + e$. A mais autêntica é a que provém do interior do corpo anatômico.	Forças psíquicas (afetos) cujas qualidades e combinações são dotações do corpo anatômico. Forças vitais e mortíferas com as quais se nasce e se vive.	Substituímos – para a psicanálise e os assuntos do sujeito – a energia biológica e as forças físicas pela noção de valor (qualidade) compreendido em uma “economia política”, cuja apreciação depende de fatores tais como os surgidos do laço discursivo, da língua, da sociedade, da cultura, e deve admitir a existência de fatores aleatórios em toda história particular (não singular).
8-ORIENTAÇÃO	 (para a direita)	 (para a direita)	 (para a esquerda)

CONCEITOS ARTICULADOS

Sigmund Freud criou um novo tipo de laço social com o dispositivo correspondente que permitiu operar com o sofrimento ocidental moderno – originado no individualismo, biologização e niilismo – em casos particulares, a partir dos quais levantou a pergunta sobre o “porquê” dessa dor, não alheia ao saber médico.

Ao diagnóstico que fazemos da psicanálise atual – que tende a considerar a psicanálise como uma ilusão – opomos um posicionamento apriorístico que sustenta que haja ato analítico capaz de operar sobre o sofrimento e que possua a potência de criar um sujeito (não uma pessoa, nem um indivíduo) novo.

Conforme mencionado anteriormente, os conceitos articulados são a parte do Programa de Investigação Científica em Psicanálise na qual se postula o conjunto de hipóteses auxiliares que configuram os supostos complementos dos conceitos fundamentais.

Organizam-se em torno dos seguintes eixos:

- a) Do Outro, A e \bar{A}
- b) Do sujeito: $\$$
- c) Do objeto a e do desejo
- d) Do significante, cadeia, inconsciente e fenda.
- e) Do corpo, pulsões e gozo
- f) Da psicanálise
- g) Das diferenças entre Freud e Lacan
- h) Das diferenças entre nossa leitura de Lacan e os freudolacanianos.

a) Do Outro, A e \bar{A}

Em virtude da noção de estrutura com a qual trabalhamos, a subjetividade somente pode ser pensada a partir da existência do Outro e do A. Dito de outra forma: não há sujeito sem Outro/A, nem há sujeito e Outro/A fora de uma relação de imissão (indistinção).

1. Distinguímos Outro e A: há diferença entre o Outro histórico e encarnado e o lugar do A, segundo a escritura da álgebra lacaniana que indica a bateria, o tesouro, enxame e conjunto significante.
2. Distinguímos o pai (enquanto genitor) do Nome-do-Pai (que não deve ser equiparado a nenhuma pessoa, nem a um sexo), da mesma forma que distinguimos a mãe biológica da Mãe, enquanto encarnação do A. No fim da análise, a função de A fica estabelecida como \bar{A} .
3. A lógica da constituição do sujeito é lida em duas operações: alienação e separação.

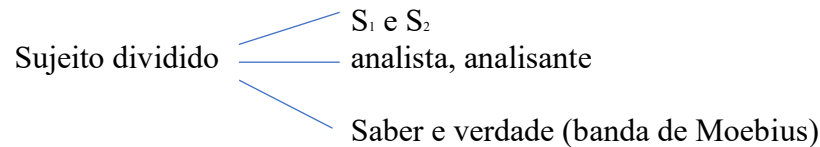
- Entendemos a alienação como o efeito mortífero da dupla significante, e seus efeitos são a causa da linguagem (\bar{A}): “nem S_1 , nem S_2 ”. Não confundimos alienação com simbiose, menos ainda com fundir-se ou confundir-se com o Outro. Sua legalidade é a da reunião da teoria dos conjuntos.

- Entendemos separação como o resgate do efeito mortífero do significante pela via do desejo do Outro histórico. Não confundimos separação com a ideia de separar-se do Outro, nem autonomizar-se em relação ao Outro ou alcançar independência, mas como o advento da condição de objeto a para o $\$$. Sua legalidade é a da intersecção da teoria dos conjuntos.

4. O Nome-do-Pai é o conceito que serve para conceber a articulação entre lei e desejo, incluindo seu surgimento, e não aquilo que os opõe.

b) Do Sujeito: (\$)

1. “Sujeito” é o tema, assunto, matéria, que advém entre duas instâncias enunciativas. Nesta lógica, o sujeito do inconsciente é criação entre analisante e analista, e é considerado animado por um desejo interpretável. Uma vez especificada a lógica que sustenta que não há sujeito sem Outro/A, é possível definir a noção de sujeito com a qual opera uma psicanálise, distinguindo-o de: pessoa (social), indivíduo (biológico), cidadão (político) ou qualquer entidade que se coloque enquanto unidade idêntica a si mesma. Lacan formaliza o sujeito nascido em psicanálise na articulação significativa em forma de bucle entre S_1 e S_2 , como sujeito dividido entre saber e verdade – equiparado ao corte pela linha média de uma banda de Moebius.



2. É nesse sentido que entendemos não haver relação intersubjetiva: sujeito implica pelo menos dois, uma relação, mas não há dois sujeitos, assim como tampouco há diálogo.
3. O modelo topológico que evidencia a estrutura do vínculo/laço entre $\$$ e A é o dos dois toros interpenetrados.
4. A partir desta conceitualização do sujeito, a responsabilidade subjetiva é objetada como conceito psicanalítico, na medida em que implica uma contradição com a ideia de um sujeito não individual. Não deixamos de estar advertidos de que, na clínica psicanalítica, é fundamental o trabalho sobre os – usualmente denominados – "sentimentos inconscientes de culpa", ainda que discordemos da via do freudolacanismo que preconiza uma responsabilização que necessariamente torna-se culpabilizante.
5. Propomos a noção de um “Sujeito local”: consideramos que a noção de sujeito como aquilo que um significante representa para outro significante, opera somente na prática analítica, pelo ato de elevar ao estatuto de significantes alguns termos do texto ou material da sessão analítica, entendida como a intertextualidade entre analisante e analista.

c) Do objeto a e do desejo

1. Existe luto pela perda do objeto verdadeiro.
2. Existe ato verdadeiro, desde que o objeto não seja metonímico.
3. O desejo não é metonímico. Ocorre quando, por um ato de interpretação, a cadeia significativa se fecha em forma de bucle criando um buraco que permite interpretar o objeto a na sua condição particular e em relação ao Outro/A. O desejo está articulado, ainda que não seja articulável plena e definitivamente.
4. A repetição em psicanálise será considerada como repetição da falha entre várias gerações associada a articulação entre desejo e lei. Não deve ser confundida com a versão mais difundida entre os psicanalistas do encontro impossível da satisfação ou do objeto. Tudo isto está colocado em termos significantes: pai, mãe, filho, avó, etc, de uma trama textual.

5. O sujeito e o objeto *a* são bidimensionais.
6. O objeto *a* é a realização (advento) do sujeito.

d) Do significante, cadeia, inconsciente e fenda (*béance*)

1. O inconsciente está estruturado como uma linguagem.
2. A cadeia significante possui a estrutura de um bucle (curva de Jordan) que habilita a leitura do material como “anéis de um colar”.
3. O inconsciente não dirige a cura. É o analista quem tem a responsabilidade de fazê-lo.
4. O *a priori* de que partimos em psicanálise é que no princípio foi o verbo, o que indica um evento de discurso, não a morte ou a ação. Isto descarta a ideia freudolaciana de um corpo biológico enquanto substrato preexistente a um sujeito (indivíduo) como epifenômeno.
5. O antecedente lógico de todo sujeito é a existência do A – tesouro e bateria do significante e sua lógica – e do Outro – encarnado em alguém e articulado, ao menos, a três gerações.
6. Sustentamos uma posição criacionista - criação *ex nihilo* – e rejeitamos o evolucionismo em psicanálise.
7. Não consideramos a holófrase como uma colagem de dois significantes, mas como a perda da função do bucle fechado em S_1 e S_2 .

e) Das pulsões, corpo e gozo

1. O real para a psicanálise não é o corpo biológico (tridimensional) mas o impossível. Consequentemente, a biologia ou a física clássica não são as ciências que melhor orientam a psicanálise na abordagem da noção de real; mas sim, a lógica.
2. Consideramos a pulsão como o eco no corpo do fato de que há um dizer.
3. Propomos o termo gozo no lugar da tradução equivocada – em espanhol – de *jouissance* por “goce”; por ser esta última, substancialista.¹
4. Reafirmamos que, segundo Jacques Lacan, gozo não é a satisfação da pulsão, mas a manifestação da lei do não-todo do significante aplicada ao significante mesmo. Sua fundamentação encontra-se na demonstração da incompletude dos sistemas formais (Teorema de Gödel). Lacan o articula: $j(A)$ e $j(\emptyset)$, impossível de se formular no sistema freudiano da satisfação-insatisfação.
5. Rejeitamos fundamentar a psicanálise como uma energética. Apoiamo-nos na noção de uma “economia política” para a consideração das forças que operam no campo do sujeito e do Outro-A.
6. Entendemos que não há relação sexual devido à falta de um terceiro termo que permita escrever a relação como uma proporção lógica. Trata-se de um problema lógico-formal, tal como se manifesta na clínica psicanalítica, e não uma questão de acoplamento dos corpos sexuados.

f) Da psicanálise

1. A psicanálise não coincide com uma fenomenologia nem com a psicologia. Por estas razões, precisa da formalização matematizada, do matema e da topologia. Como sua conceitualização não faz parte do senso comum, implica sempre surpresa.
2. A resistência à psicanálise é do analista.

¹ Na língua portuguesa não encontramos esse problema, uma vez que temos um só termo para gozo.

3. O ato do analista é de palavra – interpretação – não de silêncio, exceto quando o silêncio for o melhor que se possa dizer em determinada circunstância.
4. O corte em psicanálise coincide com a cura do sintoma e da neurose, não com a interrupção precipitada da sessão.
5. Hierarquizamos o uso das superfícies topológicas enquanto modelos superadores de uma concepção euclidiana de alguns conceitos e noções fundamentais em psicanálise:
 - O laço analisante-analista se expressa mediante a garrafa de Klein.
 - A realidade em psicanálise é concebida como um *cross-cap*.
 - Simbólico, Imaginário e Real, em psicanálise, só existem entrelaçados de forma borromeana (brunniana).
 - Desejo, demanda e objeto *a* se escrevem sobre as superfícies de dois toros interpenetrados.
 - O inconsciente é formulado como uma banda de Moebius (dupla inscrição).
6. Concebemos o fantasma como uma fórmula lógica que funciona como marco da realidade – enquanto impossível – articulando: certo *fading* do sujeito, frente ao “desejo de”, com certa condição do objeto *a* – que advém no campo do Outro – A. Desde esta perspectiva, o fantasma não pode ser entendido como as fantasias que sustentam a excitação sexual (segundo Freud), nem como o cristal através do qual se vê o mundo (ideia que corresponde à noção de fantasia inconsciente segundo à teoria de Melanie Klein).
7. A prática do dispositivo analítico se vincula a um trabalho lógico de interpretação de um texto devidamente formalizado.
8. As sessões não devem ser curtas; devem durar o que a interpretação do material, o estilo do analista e o sofrimento em jogo requererem de tempo.
9. Consideramos (em linha ao que propõe Foucault) que a honra política da psicanálise é ser uma resposta subversiva à biopolítica.
10. O sujeito do inconsciente, considerado como o que um significante representa para um outro significante no seio da relação psicanalista e psicanalisante, só é praticável convertendo-se em significantes apenas alguns termos do texto; o que implica operar com um “sujeito local”.
11. Só é possível estabelecer se houve analista, no processo de uma análise, como consequência da cura da neurose de transferência.
12. “Não responder à demanda” não significa destratar os analisantes, mas habilitar o mais além da demanda, que é o campo do desejo.
13. Em relação à psicanálise com crianças, sustentamos que o sujeito nessa prática não tem idade, nem lhe falta desenvolvimento. A ideia de um sujeito-criança contradiz a definição de sujeito que sustentamos. Rechaçamos toda ideia de evolução e maturação.

g) Das diferenças entre Freud e Lacan

1. As teorias de Freud e de Lacan são diferenciáveis e as direções da cura que delas decorrem são opostas. Em termos sintéticos, entendemos que, para Freud em (na) psicanálise trata-se de um rodeio da satisfação pulsional em relação à realidade; enquanto que para Lacan, trata-se de um ato criador e realizador do sujeito em torno do objeto *a*.
2. Entendemos que a psicanálise não pode ser considerada extraterritorial ao campo das ciências.
3. *Vorstellung* ≠ significante
 Complexo de Édipo (3 elementos) ≠ metáfora paterna (4 elementos)
 Eu, Supereu, Isso ≠ Simbólico, Imaginário, Real
 Começo pela morte ≠ começo pelo verbo
 Inconsciente: recalque de representações ≠ discurso do Outro
 Pulsão: exigência de trabalho que o corpo impõe ao psíquico ≠ eco do fato do dizer no corpo.

h) Das diferenças entre Lacan e os pós-lacanianos (freudolacanianos):

1. Freud \neq Lacan e Lacan \neq Miller
2. Não concordamos com o critério “evolucionista” em psicanálise que estabelece um progresso no ensino de Lacan, sancionando um “último Lacan” como o mais verdadeiro, mais real e mais laciano. Tampouco aceitamos o evolucionismo do sujeito: partindo do nascimento alienado ao Outro, ao dever da separação para encontrar-se consigo mesmo.
3. Consideramos a noção de estrutura, a formalização matematizada, o matema e a topologia como fundamentais para o campo da psicanálise e impossíveis de serem eliminados das concepções psicanalíticas.
4. Real: carne biológica \neq impossível lógico.
5. Ato: fazer algo no tridimensional, na cena da realidade (abraçar, bater, cuspir, etc.) \neq corte significativo que cria um novo sujeito (tema, assunto, matéria).